



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9711 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

COZINHAS E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS EM NARRATIVAS DE
AUDIOVISUALIDADES: ARTEFATOS TECNOLÓGICOS COMO CRIAÇÕES DE
ARTEFATOS CURRICULARES

Noale de Oliveira Toja - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

COZINHA E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS EM NARRATIVAS DE AUDIOVISUALIDADES: ARTEFATOS TECNOLÓGICOS COMO CRIAÇÕES DE ARTEFATOS CURRICULARES

Resumo

Apresenta caminhos e movimentos mobilizados pelas ideias de processos migratórios, comidas e filmes *'sentidosouvidosvistospensados'*, compreendidos por cineconversas, provocando deslocamentos nos *'espaçostempos'* de escrita e de vida, no entendimento do que a pesquisa engendra na relação com os intercessores, durante as experimentações como pesquisadora dos cotidianos. Apresenta narrativas compartilhadas acerca dos currículos e dos movimentos migratórios, tendo a comida como artefato de afetos, criações e resistências em terras estrangeiras, e tenta entender como esses deslocamentos podem inspirar currículos atravessados por cheiros, sons, imagens, sensações, sabores e saberes. Busca *sentirpensar* as pesquisas na educação, não como um campo do conhecimento, e sim como um ambiente multimodal, multissensorial e de multilinguagens nas criações de *conhecimentossignificações*, permeado de conflitos, tensões e intenções, que evidenciam outras *'prácticasteorias'* acadêmicas e ordinárias. As conversas fazem parte da metodologia, os filmes, os autores-narradores e os artefatos tecnológicos são personagens conceituais, que ajudam a *sentirpensar* nas criações entre as virtualizações e atualizações, manifestando as possíveis realidades nos currículos escolares, em tramas e/ou cartografias tecidas nas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos.

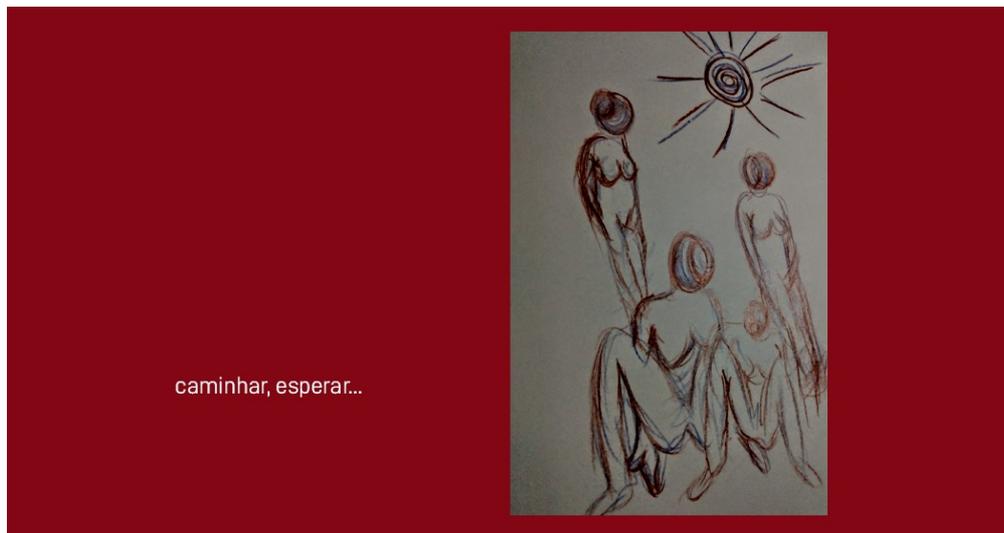
Palavras-chave: Currículos. Migração. Comida. Tecnologias

Cozinhar é o mais privado e arriscado ato. No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno. Quem assegurava a pureza da peneira e do pilão? Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão

anônima? Nem pensar, nunca tal se viu, sujeitar-se a um cozinheiro de que nem o rosto se conhece. Cozinhar não é serviço, meu neto – disse ela. – Cozinhar é um modo de amar os outros.

Mia Couto, 2004

Este trabalho percorre caminhos, encontros e desencontros, atravessados pelos movimentos migratórios e traz a cozinha, numa ideia de estação, porto, rodoviária, beira do caminho, para compor cenas em cineconversas[1] e criações de narrativas com os participantes da pesquisa. Parti das inquietações que comoveram e me moveram a entender as criações de minhas redes educativas, iniciadas pelos meus pais, a alfabetização com minha mãe, as escolas que frequentei, a vizinhança que me ensinava as tarefas escolares, me apresentava a fantasia da televisão, e me acolhia com os gestos de empatia. E a ampliação dessas tessituras, nas redes de outras escolas, amizades, igreja, o bairro, o teatro, amores, a fotografia, os ambientes de trabalho, quase todos tendo a educação como plano de fundo, ou talvez estivesse em primeiro plano, numa aparência esfumada, travestida de arte, de audiovisualidades.



Im. 1: autoria própria

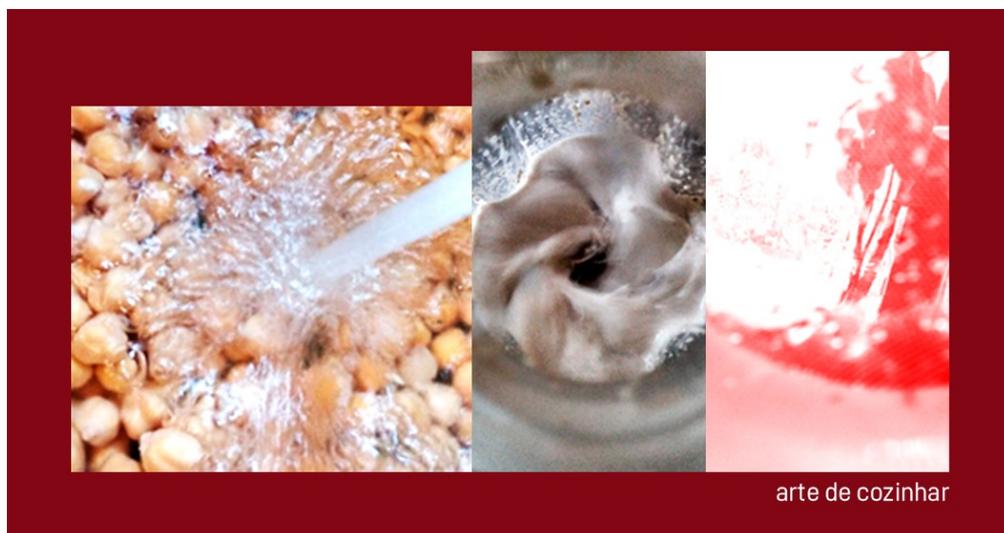
Meus pais eram migrantes, como de muitos da minha geração. As relações que acontecem nesses movimentos migratórios tecem outras redes de *fazeressaberes*[2], que envolvem segredos, táticas, astúcias, bricolagens na maneira como lidam com a linguagem, a cultura, nos seus modos de vestir, falar, caminhar, morar, cozinhar (CERTEAU, GIARD: 2013), (CERTEAU: 2014). Essas redes me marcaram na maneira de educar, em estabelecer papéis, padronagens conservadoras num modo de criar, ao mesmo tempo, com rabiscos desconcertantes, exercícios de autonomias e cocriações de um ambiente de linguagem (MATURANA: 2002), por meio dos *fazeressaberes* culinários.

A cozinha, a comida, os temperos, os artefatos usados nessa alquimia, atribuídos às linguagens, às culturas, às artes, aos modos como estabelecem suas conversas, são movimentos de criação, ambientes de resistências e afetações (DELEUZE: 1998) dos *praticantespensantes*[3], que se deslocam em diferentes *espaçostempos*. Nas conversas com a pesquisa, algumas pessoas contam que seus parentes acessavam a memória de seu local de origem, por meio da comida, nos jeitos de fazer, nos gestos do almoço de domingo, nos

cheiros inebriadores que transportavam em *espaçotempos* da infância, do interior, do exterior, descolamentos de virtualizações poéticas.

Meus afetos com a cozinha se realizam ao ajudar meu pai com suas receitas espanholas, no dia de folga do trabalho. Eram narrativas acerca da roça, das idas à escola de pés descalços e estudar até o 3º ano primário, com orgulho de conhecer o mundo por meio das conversas que tinha com os clientes que se encostavam no balcão das lanchonetes e restaurantes, nos quais trabalhou. Então, as cenas com a vizinhança, a escola, a alfabetização com minha mãe, a comida e todos os sentidos que são despertados por ela, os artefatos tecnológicos usados para fazer a comida e a composição deste trabalho, os autores com quais conversamos, são considerados personagens conceituais, (ALVES: 2015). Aqueles que me nutrem de ideias, noções, reflexões com as experiências da pesquisa e ajudam a fabular um Outrem, na perspectiva deleuziana, de ir além de um conceito fechado - ideia cartesiana de pensar a ciência disciplinada -, e transbordar, tecendo outros *conhecimentossignificações* em cocriação com os personagens de afetos, em afetações mútuas e múltiplas.

Os cotidianos nos permitem fabular, e as fabulações navegam, caminham, deslocam, transmutam-se, como potência do falso (GUÉRON: 2011), não como mentira ao contrariar uma verdade única, e sim a potência de criação a partir do desejo, do interesse. São criações impregnadas de crenças, como a potência do brincar, nas trucagens da imaginação, emergindo realidades ou verdades, que acontecem por crermos nelas como outros possíveis. Quando acreditamos na potência da vontade, em processos de virtualização e atualização (GUÉRON: 2011), materializamos outros modos de existir. Sistemas estruturalistas coloniais, também fabricam suas crenças (CERTEAU: 2014), (DELEUZE: 1987), aquelas manipuladas como verdades, para que sejamos guiados, modelados, enformados, compondo uma padronagem hegemônica sob a lógica de determinadas intenções ideológicas.



Im. 2: autoria própria

As maneiras de cozinhar também refletem as coexistências na potência do falso ou do brincar. Num mesmo *espaçotempo* somos capazes de usar receitas à risca para não correr o risco do erro; as vezes arriscamos adaptá-las, já que no acontecimento, nem tudo planejado se manifesta como programado em algoritmos. É preciso ficar atentos como as situações, os ingredientes, e as formas se apresentam. Pode ser que as massas não caibam nas formas e derramem no forno aquecido por um acontecimento ordinário, comum, menor (DELEUZE: 1998). Talvez, no uso das trucagens, um tempero que irá falsear o sabor, nos possa fazer crer que estamos degustando outro alimento, diferente da aparência daquele oferecido. Os currículos, embora tenham suas receitas ditadas por sistemas hegemônicos, na efervescência

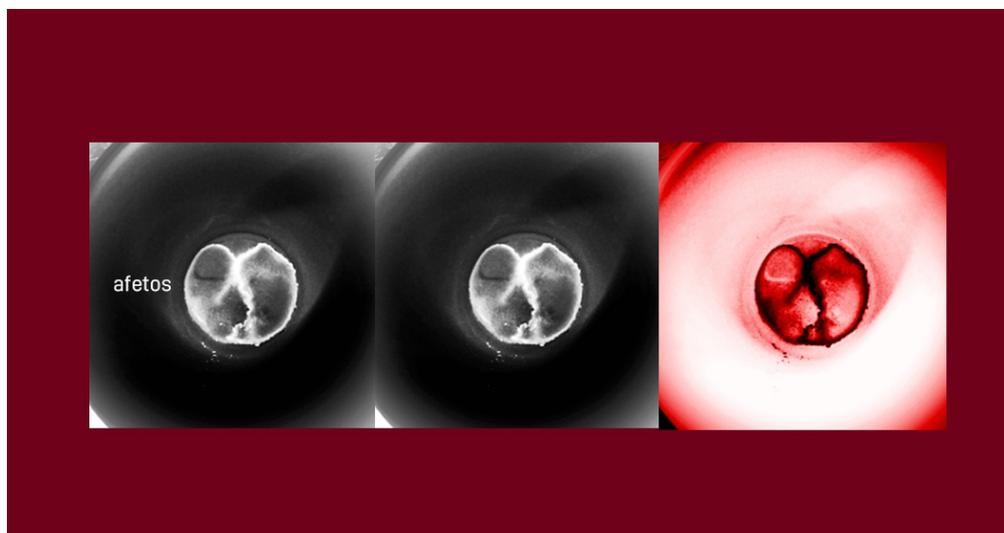
dos acontecimentos cotidianos, nos ambientes escolares, eles se colocam em bricolagens, revelam-se em singularidades, escapam às formas, ensaiam deslocamentos, desterritorializam *fazeressaberes* criando outros *conhecimentossignificações*.

Como questões mobilizadoras apresento: os currículos – como os movimentos migratórios e as cozinhas – são fabulações, narrativas, criadas por múltiplas conversas? E as conversas, lócus das pesquisas com os cotidianos, criam ambientes de escutas, imaginações que se deslocam em *espaçostempos* entre projeções de passados e futuros, nas virtualidades e atualizações, movendo as ações cotidianas?

As conversas entendidas aqui, extrapolam a ideia de um discurso, de lugar de fala, para compreendermos a potência do encontro, este como acontecimento, ao nos atravessar, em deslocamentos, causando afetações não só em quem acolhe, como em quem chega. Assim, vamos nos criando em outras dimensões, nos encontros. As pesquisas com os cotidianos são ambientes abertos aos acontecimentos, como os movimentos migratórios desterritorializantes, o ambiente da pesquisa se torna um movimento atento ao acaso, numa ideia do que procuramos está a nossa espera, e tudo que nos atravessa nesses processos vão compondo essa trama de *conhecimentossignificações*.

A arte e a ciência, na manifestação do acaso (OSTROWER: 1999), (DELEUZE: 1999), propõem uma atenção à experiência, que nos provoca a encontrar aquilo que perseguimos, por acreditar na sua potência ética. Então, buscamos uma estética, pela beleza que se impõe em burilar, trabalhar, exaurir nos *fazeressaberes*. A estética, não como o belo num padrão eurocêntrico, e sim, o belo por inspirar o encontro com sua ética, realizando a estética dessa ética em uma ação política, no sentido de criar condições de evidenciar e valorizar potências menores, nos currículos, tecendo continuamente, *conhecimentossignificações*, nas nossas complexas redes educativas.

Pesquisar neste caldeirão de desnorreamentos e incertezas, nos jeitos e gestos de cozinhar, exigiu atenção: às repetições que geram criações; à multiplicidade de ‘*espaçostempos*’ que acontecem nas ações criativas; aos artefatos presentes e seus múltiplos usos; aos ‘*praticantespensantes*’ envolvidos com suas astúcias e as relações que estabelecem no encontro com os outros; e aos tantos sentimentos envolvidos no caos, sempre presentes; e surge outra questão: como somos capazes de produzir a indiferença, numa ideia de segregação? Assim, fui cartografando *sonsimagens* com a estética da linguagem dos afetos e das projeções, que estavam sendo acesas pelos cheiros, sabores, texturas, ruídos, tratados na pesquisa.

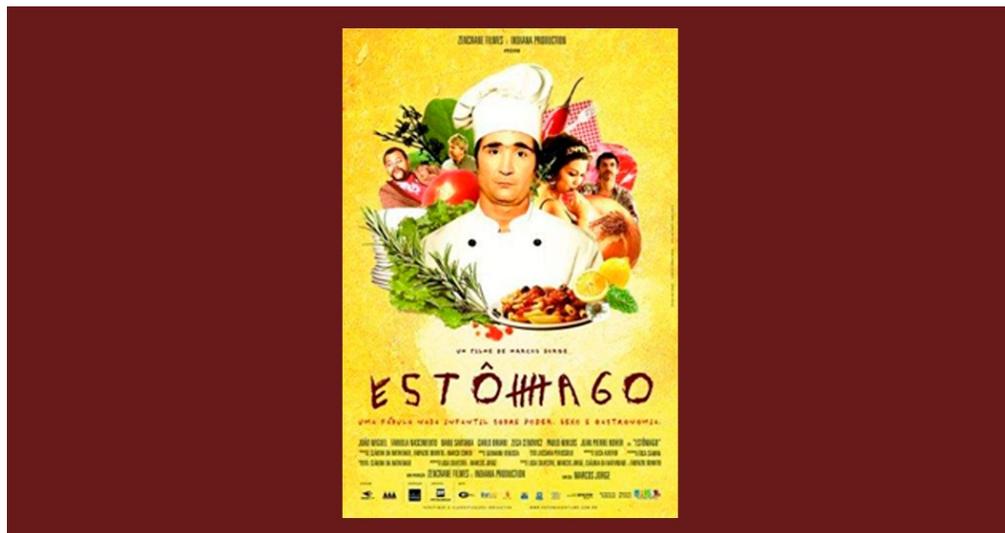


Im. 3: autoria própria



Im. 4: autoria própria

As cineconversas com filmes acerca da comida e da migração, como o “Estômago”, direção de Marcos Jorge, nos apresenta os clichês (GUÉRON: 2011), que nos são necessários, para reconhecermos nossa potência. O filme na habilidade das truncagens, fabula os clichês como “armas de guerrilhas”. A comida pode ser um desses clichês e, como artefato, manifesta as relações de poder, ao misturar controle e cuidado. Em ambientes de linguajeios, seduz, manipula afetos, resguarda segredos, cria autoridades, evidencia competições e autorizações, e pode ser linhas de forças, nas situações adversas. E essas narrativas foram evidenciadas nas conversas com as *praticantepensantes* da pesquisa, fabulações de famílias, que em sua maioria, mulheres, fazem uso da cozinha para sustentar a prole.



Im. 5: Fonte <https://www.google.com.br/cartaz+estomago>

Os *fazeressaberes* culinários do filme e dos processos migratórios são ambientes de deslocamentos, astúcias e táticas nas negociações de desejos, intenções. E a nós cotidianistas,

nos interessa os usos que são feitos nessas intenções de desejos. Na cartografia de afetos, tracejada por conversas com filmes, migrações e comidas; cheiros, sons, sabores e saberes; desenhos, linhas e rabiscos, superfícies lisas, nas fabulações das *praticantespensantes*, fui me deslizando entre aprendizados acerca dos modos de criar currículos. Tais fabulações tiveram encontros marcados na plataforma de reuniões, zoom. Num mundo pandêmico, a pesquisa também migrou do ambiente físico, dando mais presença as virtualidades. Foram criadas 15 conversas de até uma hora, mediadas pelo tempo do zoom, e reduzidas em banho-maria, em 2 a 6 minutos de duração. Criamos uma série contada pelos cotidianos das praticantes, e disponibilizada na nuvem.

Me entender como pesquisadora com os cotidianos, foi experimentar as artes na potência da vida vivida nesses ambientes, na escuta das vozes, do apito do vapor, ruídos do óleo esquentando para receber o alho, num tempo silenciado, mas aquecendo. Ao jogar o alho, o sutil silêncio é rompido num estardalhaço. Às vezes, nos colocamos indiferentes ao estardalhaço, e como pirraça, tampamos a panela para abafar seus ruídos e deixarmos o alho queimar. Às vezes, experimentamos o ambiente da escuta, as relações de afeto e empatia, criadas nesses acontecimentos. A tensão entre dar voz e escutar as vozes que nunca se calaram, a dimensão estética e ética da existência na criação de si, com as rupturas estruturalistas e coloniais; os processos identitários ou singulares e multiculturais dos *'praticantespensantes'* dos cotidianos.

Alves (2015) nos elucida com a ideia de não existir um único local de surgimento de *'conhecimentossignificações'*, os cotidianos apresentam diferentes maneiras de tessituras que surgem nas ações humanas. A ação de cozinhar, de *sentirouvirverpensar* com os filmes, de criar narrativas em conversas. Nesta atenção, a escuta fina, que atinge os agudos profundos, traz elementos que podem se dispersar e/ou conduzir às sensações das *'práticaspensamentos'* acerca dos *'fazeressaberes'* ordinários mergulhados nos seus contextos ou naquele acontecer. Conversar, versar com a total disponibilidade às Outres... Silenciar a mente e aquecer o coração - emocionar - comover na ação de mover juntas e fazer disto um acontecimento.



Im. 6: [Conversas_Juliana](#)

[1] Ação de conversar com filmes, encontrando questões que afetam nossas pesquisas.

[2] Usamos palavras juntas e grifadas, superando ideias dicotômicas de sistemas cartesianos, por entendermos que são movimentos que acontecem misturados, sem juízo de valor.

[3] Oliveira (2012), vai além de Certeau, que traz a noção de praticante àquele que fabrica na ação cotidiana. Nas pesquisas com os cotidianos, *praticamospensamospraticamos*, numa ideia contínua, nos *espaçostempos* praticados, desmistificando a dicotomia entre prática e teoria.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. *As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação*. In: ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.8, n.3, p. 306-316. Set/Dez 2015.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*, artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2013.

COUTO, Mia. *Fio das missangas. Contos*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. *O ato da criação*. Palestra de 1987. Publicada na Folha de São Paulo, 1999. Disponível em: [ato_criacao](#). Acesso em: 28/02/2019.

GUÉRON, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2011.

MATURANA Humberto. *Emoções e Linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas*. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho. *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et Alli, 2012.

OSTROWER. Fayga. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

Filme

“Estômago” (2007); direção Marcos Jorge. <[Trailer_Estomago](#)>. Acesso em: 2018.



Im. 7: autoria própria